

MEMÓRIA E HISTÓRIA: OS FANTASMAS DA CASA MUSEU GILBERTO FREYRE

Rafael de Oliveira Rodrigues¹

RESUMO: É comum a toda pesquisa sofrer transformações de experiência, de concepção teórica e de método, que geralmente influenciam a apreensão e apresentação dos nossos resultados. Entretanto, boa parte das vezes, estas transformações terminam não sendo exploradas quando os dados são apresentados em narrativas etnográficas. É comum cair na “armadilha” de apresentar a pesquisa de forma muito organizada, focando mais nos resultados finais do que no processo de construção do objeto de pesquisa. Seguindo outravia, este ensaio procura explicitar os momentos de transformação que perpassam uma pesquisa, problematizando justamente o modo como montei meu objeto, mas também algumas questões sobre o uso do método etnográfico nos museus. Para tanto, utilizo como objeto de análise as histórias de fantasmas da Casa Museu Gilberto Freyre, em Recife-PE. A importância do trabalho consiste em dar continuidade a um esforço maior de pesquisadores na tentativa de consolidar um pensamento antropológico sobre os museus.

Palavras-chave: Museu; Método etnográfico; Casa Museu Gilberto Freyre.

¹ Professor Assistente I - DE - na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC). Mestre em Antropologia Social pelo mesmo Programa de Pós-Graduação (PPGAS/UFSC). Cientista Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), na Sapienza Università Roma. Tem experiência nas áreas de Etnologia dos povos indígenas do Nordeste do Brasil, Antropologia Urbana, Patrimônio Cultural, Ambiental, Museus e Métodos Qualitativos. contato: rafaelorodrigues@gmail.com

Preliminares

O tema da discursividade tem sido recorrente nos estudos antropológicos que se voltam para as diferentes formas de construção, produção e seleção de memórias, histórias e representações nos museus (ARANTES, 2006; CANCLINI, 2005, PADIGLIONE, 2012; GONÇALVES, 2007; CHAGAS, 2008; RODRIGUES, 2009; ROTMAN e CASTELLS, 2006; LIMA FILHO e TAMASO, 2012). Nestes estudos, os patrimônios culturais, os museus e demais lugares de memória são apresentados como locais de consagração histórica de memórias e representações sociais. Expressam processos de seleção que se modificam ao longo dos anos, produzindo representações sobre culturas, nações e agentes sociais, diante de determinadas conjunturas histórico-econômicas. Associam-se diretamente às relações de poder que subjazem à consolidação de determinadas memórias em detrimento de outras, expressando processos de disputas políticas. Os trabalhos destes autores contribuíram, portanto, para consolidar a ideia de que toda representação do passado é permeada por múltiplos significados, envolvendo conflito e negociação entre interesses políticos, sociais e culturais divergentes.

Diante disto, o principal objetivo deste ensaio é lançar algumas reflexões metodológicas sobre a construção discursiva em torno de acervos e coleções. Procuo apresentar algumas estratégias de interpretação de discursos, sugerindo um método de *observação de detalhes mínimos*. O método não é de todo novo e tem como inspiração o *paradigma indiciário* do Carlo Ginzburg (1989). Toma como princípio, assim, a busca por pequenos indícios: pistas que possam guiar o olhar do pesquisador para os não-ditos da escrita museal.

Para o alcance do objetivo proposto tomo como material de análise um dado etnográfico que expressa exatamente o que pretendo dizer com a ideia de detalhe mínimo nas pesquisas sobre os espaços museais: as histórias de fantasmas. Por serem normalmente localizados em lugares antigos, e também comumente associados à exposição de um passado através de memórias materializadas em documentos e objetos de coleções, estas instituições são repletas de histórias de fantasmas: de negros, índios, caboclos, mamelucos, portugueses, holandeses, degredados, judeus fugidos da inquisição e até mesmo do holocausto. Fantasmas escravizados, colonizados, colonizadores, assassinos ou suicidas, enfim, personagens que fazem parte da história de todos os museus com seus respectivos locais de origem.

Ao me debruçar sobre as histórias de fantasmas nos museus, um em especial me chamou atenção: a *Casa Museu Gilberto Freyre*, fundando no ano de 1987, em Recife

Pernambuco. As histórias de fantasmas que este lugar guarda são um tipo ideal para discutir os diferentes valores e interesses que envolvem a construção de uma memória. Além disso, um interessante dado etnográfico para expandir o conhecimento antropológico sobre a temática dos museus, dos patrimônios culturais e da memória social.

Os detalhes

A primeira vez que ouvi contar uma história de fantasma em um museu foi numa conversa com o professor Oscar Sáez. Na ocasião, falávamos sobre o meu interesse em estudar a memória social nos museus e em diferentes formas para abordar este tema. Foi quando ele comentou que há algum tempo havia passado uma pequena estada no Museu Emílio Goeldi, na cidade de Belém, no Pará. Durante esse período, ele lembrou que ouvira os funcionários dos serviços gerais contarem algumas histórias de fantasmas, associadas a personalidades da elite intelectual e cultural da cidade. Constatamos, por fim, que este tipo de história, por mais que pareça um ângulo cego das pesquisas etnográficas em lugares de memória, poderia lançar luzes a algumas questões interessantes sobre o tema. Ele sugeriu que eu procurasse seu livro *Fantasmas Falados: Mitos e Mortos no Campo Religioso Brasileiro* (1996), observando que tudo que se poderia falar sobre fantasmas estaria ali, em certa medida.

As histórias de fantasmas eram o preâmbulo para chegarmos ao ponto central do assunto da conversa: falar sobre um tipo de método, onde ele incitava os iniciantes na etnografia a focarem nos pequenos *ângulos cegos*, nos *detalhes mínimos* que muitas vezes passam sem que se notem quando do trabalho de campo sobre determinados temas clássicos da antropologia, neste caso o tema das etnografias em museu.

Esta conversa me fez pensar que ao direcionarmos o olhar para os ângulos que geralmente escapam aos olhos do pesquisador, digamos assim, é possível transformar pequenos fragmentos etnográficos, como as histórias de fantasmas, em um objeto de análise sócio-antropológica.

Resolvi experimentar essa forma de observação e realizar um teste com as histórias de fantasmas. Concentrei-me em sites da internet. A princípio, fiquei surpreso ao perceber a quantidade de lugares históricos e patrimoniais como arquivos, bibliotecas, casarões, cemitérios, museus, teatros, enfim, como todos estes lugares de memórias são repletos de histórias de

fantasmas. De forma ocasional, cheguei a uma série chamada *Phantasmagoria*, transmitida no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, no ano de 2012. O objetivo desta série era percorrer lugares conhecidos como mal-assombrados no Brasil e, em meio a isso, uma equipe de antropólogos, físicos, historiadores, passando por médiuns e espíritas, procuravam explicações para os fenômenos sobrenaturais exibidos no programa. O episódio que me chamou atenção foi ao ar no dia 12 de agosto, e tratava das histórias de fantasmas do Museu Casa Gilberto Freyre, localizado no tradicional bairro de Apipucos, na cidade do Recife, em Pernambuco.

Das histórias relatadas no especial televisivo sobre o Museu dos Freyre três me chamaram atenção: a de Manoel, ex-escravo que habitou a casa e trabalhou com a família Freyre por muitos anos. Também a de um menino sem nome, conhecido como Negrinho, que frequentemente assombrava a cozinha do casarão e, por fim, as histórias que envolvem a matriarca da família, Dona Magdalena Freyre, a qual, segundo relatos, andava a assombrar os antigos trabalhadores da Casa Museu.

Mais um dado interessante me chamou atenção: o fato de Gilberto Freyre, em vida, ter publicado um livro chamado *Assombrações do Recife Velho* (2007), onde ele reunia uma série de histórias de fantasmas do imaginário popular, apresentando sociologicamente uma discussão sobre a modernização do Recife de finais do século XIX e início do século XX. Em outras palavras, Gilberto Freyre tivera em vida um interesse por este tipo de histórias.

Com base nas informações do programa televisivo, juntamente com esse fragmento da obra de Gilberto Freyre, resolvi fazer uma primeira visita à Casa Museu. Foi quando soube, através de uma das guias, que este mesmo livro serviu de inspiração para que os gestores da casa aproveitassem as histórias de fantasma do casarão e criassem um percurso museográfico, baseado justamente nas histórias de fantasmas narradas pelo autor no livro, mas também nas histórias de fantasmas que envolviam a antiga casa da família.

Tratar estas histórias como um dado empírico-etnográfico permite realizar um trabalho de campo nos museus tomando como material analítico justamente as *histórias de fantasmas* emitidas pelos gestores, funcionários dos serviços gerais, ou até mesmo de outros segmentos da população envolvidos com estas instituições. Em outras palavras, tomar as histórias de fantasmas como uma metáfora possibilita expandir a minha base analítica para além das tipologias de museu, permitindo refletir diferentes camadas de memórias silenciadas e colocadas em esquecimento em distintos museus.

As histórias de fantasmas

As histórias de fantasmas deste museu me chamaram atenção por dois motivos: primeiro, porque sou nascido em Recife e passei boa parte da minha vida nesta cidade, vivenciando, em certa medida, os efeitos do projeto de produção da “sociedade pernambucana contemporânea”. Segundo, porque neste museu vida e obra de Gilberto Freyre estão em processo de simbiose, confeccionando um amálgama que une uma série de elementos heterogêneos da obra de Freyre, na construção de uma memória homogênea sobre a identidade do escritor.

O Casarão, original do século XIX, expõe o conjunto de objetos colecionados, guardados e ordenados pela família Freyre ao longo do século XX. Após a morte de Gilberto Freyre, em 1987, o casarão foi musealizado, tornando-se um lugar de memória para a cidade. A preservação do ambiente, exatamente como fora concebido por Gilberto Freyre, dispõe de um acervo com peças que testemunham a história de Pernambuco, do país e de diferentes locais do mundo, mas também muitos elementos que testemunham a história do próprio pensador. Através de suas salas, do quarto dos Freyre, dos retratos da imponente elite pernambucana de meados do Século XX, é possível refletir algumas memórias, histórias e representações sobre a transição da sede administrativa da cidade do contexto rural para o urbano no Recife, associada à abolição da escravidão e a emergência do trabalho assalariado, ambos os momentos diretamente ligados à transição do Império para República.

É numa tentativa de aprofundar estes temas já demasiadamente falados na literatura sobre o pensamento social brasileiro, que tem como um dos principais expoentes Gilberto Freyre, que procuro explorar o que os fantasmas têm a dizer neste antigo casarão agora musealizado.

Concentrando minhas atenções mais especificamente no lugar da escravidão neste processo de transição do cenário urbano para o rural no Recife, observo que o museu evoca uma representação do negro intrinsecamente ligada à ideia de Freyre no *Casa Grande e Senzala*, de que o negro é bem adaptável às vicissitudes, às mudanças climáticas e de regimes político-econômicos, enfim, reproduzem uma imagem já bem conhecida de que o negro brasileiro foi assimilado sem maiores problemas na sociedade brasileira pós-escravista. Esta

representação das memórias de época pode ser problematizada com base nas narrativas de dois fantasmas que assombram a casa museu.

Segundo uma antiga moradora do casarão, a nora de Gilberto Freyre, a primeira vez que ela viu um fantasma no casarão foi em finais dos anos 1970, quando ela estava na cadeira de balanço do salão principal tentando colocar a filha para dormir. Nas palavras dela:

Numa determinada hora, eu estava cansada e com sono, comecei a cochilar na cadeira de balanço, foi quando comecei a sentir como se alguém estivesse ao meu lado, uma presença. Desde então, eu comecei a ver o fantasma de um menino de aproximadamente 10 anos de idade, que passou a ser conhecido como Negrinho pela família (REDE GLOBO, PHANTASMAGORIA, 12/08/2012).

Negrinho começou a se fazer ver por todos que habitavam a casa, principalmente na cozinha. Os relatos são de que ele sempre estava aprontando alguma coisa e provocando medo dos empregados da casa. Ainda segundo a nora dos Freyre:

A presença de Negrinho coincidiu com uma obra de engenharia na casa, na obra tivemos que escavar o pátio no quintal de trás da casa para construir uma piscina. Quando o trabalho de escavação da piscina estava sendo feito, foi então que descobriram os objetos do que antes fora a senzala da antiga casa patriarcal (REDE GLOBO, PHANTASMAGORIA, 12/08/2012).

A descoberta destes materiais arqueológicos fez toda a família achar que havia algum tipo de ligação entre o descobrimento destes objetos e a aparição deste garoto. A obra no fundo da casa dos Freyre realmente aconteceu e, segundo relatos de alguns funcionários da casa museu, fora o local onde hoje está o memorial em que os restos mortais de Gilberto e Magdalena Freyre estão guardados. Durante a obra, segundo relatos dispersos de alguns dos gestores da casa, alguns objetos arqueológicos como faiança e material cerâmico foram encontrados, mas não há nenhum relato histórico-arqueológico de que no quintal do casarão houve realmente uma senzala, apenas a imaginação museal de Freyre operando na construção desta ideia.

Apesar de não haver relatos que confirmem esta senzala, esta história de fantasma contada pela nora dos Freyre faz referência às transformações que o Recife – mas também todas as capitais do Brasil – viveram em finais do século XIX e começo do século XX. Neste mesmo período, autores como Rodrigues (2011) e Rezende (2002) observam que a economia açucareira de Pernambuco passou por transformações importantes em decorrência da substituição dos antigos engenhos de açúcar pelas modernas usinas. Leite (2007) também

chama atenção que esse fato foi responsável por consolidar o capital industrial (predominantemente urbano) em detrimento do então capital agrário em Pernambuco.

Mas, apesar do desenvolvimento econômico, dos ideais de modernização e das lutas e manifestações a favor da abolição da escravidão em prol do progresso da humanidade, mas também para formar um novo mercado de consumidores para as cidades que nasciam, as senzalas persistiam, sendo transportadas dos antigos engenhos de açúcar do sertão e do agreste, para as cidades, fazendo parte da nova paisagem urbana que se consolidava. Com o passar dos anos, este novo *ethos* urbano, somado às pressões de países como Inglaterra, contribuiu para a queda do regime escravista e ascensão do regime de trabalho assalariado, e as antigas senzalas perderam suas serventias.

A história de Negrinho nos ajuda a refletir que, diferente do que muitos historiadores da época (dentre eles o próprio Freyre) propuseram sobre a forma como se deu a transição do regime rural para urbano, acompanhado de valores como liberdade e progresso, as relações entre escravo e patrão, casa grande e senzala se mantiveram na cidade de modo muito semelhante àquele como se consolidaram nos engenhos de outrora. Os antigos senhores de engenho transferiam suas residências para a cidade do Recife, mas ainda acompanhados dos hábitos do engenho.

Outra narrativa que pode lançar luzes sobre as transformações do meio rural e do meio urbano e, mais ainda, do lugar do negro neste cenário é do fantasma de Manoel, mais conhecido como Neo, que habitou o casarão na época de Gilberto Freyre e hoje assombra o Museu.

Ao chegar ao salão principal da casa museu, deixo meu olhar me guiar pelos antigos móveis da casa, e logo me chamam atenção os retratos de família, pintados por algum imponente pintor da elite cultural pernambucana da época e amigo de Freyre – que sempre cultivou amizades de intelectuais e artistas de sua época. Ao observar os quadros bem acabados, um me chama atenção. Primeiro, pela sua falta de acabamento, como se não houvesse sido pintado por um *expert* nas tintas e telas, ou seja, destoava completamente dos outros quadros. Segundo, porque a imagem não era de nenhum personagem da elite pernambucana, menos ainda um dos membros da família Freyre, mas sim um negro, com uma fisionomia de cansaço, em outras palavras, destoava completamente não só pela qualidade do retrato, mas principalmente porque não era de uma das pessoas mais íntimas do seio da família, aparentemente.

Ao perguntar a Sérgio (também antigo empregado da família e agora responsável pelos serviços gerais do museu casa) sobre quem era aquele personagem retratado no quadro, ele observa:

Esse é o quadro de seu Manoel, Neo [...]. Ele era o antigo escravo da família dos Freyre, dos avós e pais de Freyre [...]. Era assim: ele trabalhava para família Freyre, os pais de Gilberto Freyre, e após a escravidão continuou a trabalhar para a família no casarão. Hoje, depois de morto, ele fica assombrando o quintal do museu, como se ainda estivesse zelando pela casa dos antigos senhores (SÉRGIO, CASA MUSEU GILBERTO E MAGDALENA FREYRE, RECIFE, 08/10/2014).

Perguntei ainda a Sérgio em quais locais da Casa Museu Neo costumava aparecer, e ele respondeu que:

Geralmente Neo aparece apenas fora da casa, ora aparece na varanda da frente do salão, ora no banco de cerâmica que fica no lado direito da casa, na parte do quintal que dá acesso ao memorial dos Freyre [...] Ele costuma aparecer apenas à noite (SÉRGIO, CASA MUSEU GILBERTO E MAGDALENA FREYRE, RECIFE, 08/10/2014).

Ao me debruçar sobre esta história, percebo que ela revela uma memória traumática do Brasil: a transição da escravidão para o trabalho assalariado e, como consequência, os esquecimentos e apagamentos que envolvem a assimilação do negro na sociedade brasileira neste mesmo período histórico.

Ao voltar as atenções para este fragmento etnográfico – a história do fantasma de Neo – é possível perceber que mesmo com a extinção das senzalas e com a libertação dos escravos, o regime de trabalho assalariado demorou a se consolidar no Brasil. Escravos libertos como Neo continuaram nas casas patriarcais vivendo com seus antigos senhores, muitas vezes em troca apenas de comida e de um teto para se proteger das intempéries. As relações entre os escravos e os senhores, portanto, permaneceram praticamente as mesmas, estando o negro brasileiro mais do que nunca dependente: ora do antigo senhor, ora do Estado brasileiro (REZENDE, 2002).

As leis que regulavam o trabalho assalariado da época, portanto, não foram transferidas para ex-escravos como Neo, e estes permaneceram de favor na casa de seus antigos patrões. Não quero em hipótese alguma usar elementos interpretativos de imprensa marrom para insinuar que a família Freyre manteve este tipo de relação de exploração com Neo, pelo contrário, pois nas palavras do próprio Sérgio, “Neo era um membro da família, chamado de vovô Neo por Gilberto Freyre nos tempos de menino” (CASA MUSEU GILBERTO E MAGDALENA FREYRE,

RECIFE, 08/10/2014). O ponto é apenas destacar as incongruências na argumentação de que, com o final da escravidão, os recém-libertos foram agregados à sociedade brasileira. Não foi desse modo que as coisas aconteceram e os ex-escravos continuaram imersos em um regime de dependência como se fossem um tipo de estrangeiros, que longe de suas respectivas pátrias ainda eram vistos como estranhos nesse país que queria se urbanizar de mãos dadas com os ideais de progresso da época, mas também com os ideais eugenistas de embranquecimento da população.

Considerações sobre o método

De modo geral, as etnografias sobre museus estão muito focadas em objetos de coleções ou concepções de museus, ou seja, em tipologias e ideologias de museus. Muitas vezes isso termina por nos fazer entrar em campo muito focados em objetos já pré-moldados no projeto de pesquisa, os quais procuramos manter até que a pesquisa seja concluída, por exemplo, entramos em campo, procurando por aquela coleção de objetos da etnia X, para falar da forma como aqueles objetos foram apropriados pelo museus, ou procurando objetos de determinado grupo religioso, para problematizar a representação de determinada cultura. Dizemos quase sempre, como argumentação teórica, que estamos atrás de novos “agentes” que nos ajudem a refletir, ou repensar, determinados objetos da pesquisa.

Ao entrar em campo com essa base segura de um objeto de pesquisa pré-moldado e já bastante estudado como a coleção X ou demais objetos, terminamos nos fechando para descobrir novos objetos de pesquisa e, assim, chegamos aos tão aclamados “novos agentes”, os quais almejamos alcançar nas pesquisas etnográficas. Neste ensaio, procurei refletir que é preciso uma nova forma de observação etnográfica, em outras palavras, que é necessário se desprender um pouco das bases comuns que alicerçam os objetos de pesquisa já consolidados e procurar focar nos *detalhes mínimos*.

No caso da Casa Museu dos Freyre, meu campo era um museu, mais especificamente uma casa museu, uma tipologia de museu caracterizada pelo acúmulo de memórias, histórias e objetos de coleções pessoais, que ou por intenção dos donos, como no caso dos Freyre, ou por intenção de pesquisadores externos, são musealizados, de acordo com a ideologia de uma época. Procurei me desprender destas terminologias e entrar na Casa Museu não com um

objeto previamente definido: a coleção de bebidas de Gilberto Freyre, ou sua coleção de objetos trazidos do além-mar devido as suas inúmeras viagens pelo mundo. Tampouco, atrás de suas ideologias sobre democracia racial, ou sobre a identidade do Nordeste.

Entrei na casa museu como um *flâneur* num *boulevard* qualquer, quase de modo distraído, deixando que pequenos detalhes prendessem minha atenção, e os detalhes que chamaram minha atenção foram justamente as histórias de fantasmas. Num primeiro momento, quando sem pretensões cheguei ao programa televisivo em que se falava dos fantasmas da casa museu dos Freyre. Este momento foi importante para eu perceber a existência de um dado: os fantasmas que assombram o casarão. Num segundo momento, ao visitar o museu, e deixar que as histórias do fantasma de Neo e Negrinho me guiassem até a ideia de democracia racial de Freyre, e a temas secundários como a transição do meio rural para o urbano, e a assimilação do contingente de escravos e ex-escravos neste processo.

A ideia de sair procurando pelos detalhes mínimos não é nova como já disse algumas linhas acima. Ela foi esboçada por Carlo Ginzburg (1989) em seu ensaio intitulado *Sinais: notas sobre um paradigma indiciário*, onde ele discute o trabalho do historiador (mas também do museógrafo, do antropólogo e demais profissionais que trabalhem com instituições de memória), observando que muitas vezes estes profissionais tendem a reproduzir, em suas sínteses históricas, uma ideia de todo muito organizada e coerente – a qual não condiz com a realidade –, geralmente descartando qualquer informação imprecisa ou, o que é pior, distorcendo informações e forçando-as a se encaixar em determinados modelos explicativos. Como uma alternativa de externalizar os processos através dos quais determinados eventos históricos são produzidos e representados nessas instituições de memória, Ginzburg (1989) sugere que os historiadores e etnógrafos adotem a *perspectiva indiciária*, para descobrir qualquer indício ou pista que possibilite problematizar as grandes sínteses históricas.

Trabalhar com indícios permite refletir, justamente, a pretensão de uma museografia mais preocupada em construir sínteses históricas com teor de verdades absolutas do que em evidenciar os processos através dos quais determinadas versões da história foram produzidas. Em outras palavras, permite refletir os processos através dos quais determinadas narrativas se consolidam em detrimento de outras.

Oferece, portanto, uma sólida base epistemológica e metodológica para argumentar que é necessário nos desvencilhar de alguns condicionamentos metodológicos, para tentar trazer novas reflexões sobre temas já demasiadamente tratados.

Posso dizer que escolher os fantasmas do museu como objeto de análise etnográfica não é nenhum despautério, uma vez que o próprio Gilberto Freyre era um grande colecionador de histórias de fantasmas, basta lembrar do seu livro sobre as *Assombrações do Recife*, onde ele procura interpretar a sociedade pernambucana de época, com base nas histórias de fantasmas e assombrações envolvendo lugares da cidade do Recife. Este livro é tão inspirador que, somado às histórias de fantasmas que rondam o casarão, serviu como base para o projeto museológico “Assombrações do Recife Velho”, organizado dentro da casa museu inicialmente e que hoje ganha as ruas da cidade do Recife. Este projeto, em sua primeira versão, consistia em visitas noturnas guiadas com roteiro e dramaturgia baseados na vida e obra de Gilberto Freyre, mas também nas histórias dos fantasmas que assombram o museu.

À guisa de conclusão, pode-se argumentar que, apesar de muitas vezes passarem como um ângulo cego da pesquisa etnográfica em lugares de memória, as histórias de fantasmas que envolvem a Casa Museu Gilberto Freyre permitem refletir como os fragmentos heterogêneos da vida e obra de Gilberto Freyre são compactados, amalgamados na produção de uma memória do escritor em consonância com a história da cidade do Recife.

Por fim, espero que essas explanações possam contribuir não para definir um novo tipo de metodologia de apreensão de dados etnográficos, menos ainda argumentar que olhar os *detalhes mínimos*, os ângulos cegos, no campo de pesquisa possa nos levar a novos objetos ou novos agentes e pesquisa. Procuro apenas dar continuidade ao trabalho de outros pesquisadores, no intuito de consolidar um pensamento sócio-antropológico sobre os patrimônios culturais e os museus, refletindo algumas questões metodológicas.

Referências Bibliográficas

- ARANTES, A. A. **O patrimônio cultural e seus usos**: a dimensão urbana. Rev. *Habitus*. V. 4, n. 1, 2006, p. 425-435, Goiânia.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas falados**. Mitos e Mortos no Campo Religioso Brasileiro 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, 216p .
- CHAGAS, Mário. A radiosa aventura dos museus. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (org). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2008, p. 113-123.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**: algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno de sobrenatural no passado recifense. São Paulo: Global, 6ª edição, 2007.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____ **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p 143-179.
- LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social na mangue-town. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 49, 2002, p. 115-172.
- LIMA FILHO, Manuel e TAMASO, Isabela. **Antropologia e patrimônio cultural**: trajetórias e conceitos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.
- PADIGLIONE, V. Efeito marco. As mediações do patrimônio e a competência antropológica. Tradução de Dagoberto Bordin, Jeana Santos e Rafael O. Rodrigues. In CASTELLS, A. N. G. (org). **DOSSIÊ**: Cidade, Patrimônio e Museus. Ilha. Revista de Antropologia da UFSC (Florianópolis), v. 14, 2012, p. 9-16.
- REZENDE, A. P. M. **O Recife Nos Anos Vinte**: Modernidade e Identidade. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 16, 1996, p. 18-28.
- _____. O Recife: Os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as entações da memória e as inscrições do desejo. **Projeto História Espaço e Cultura**, São Paulo, v. 18, 1999, p. 155-166.
- _____. **O Recife**: histórias de uma cidade. 1ª ed. Recife: Fundação da Cultura da Cidade do Recife, 2002.
- RODRIGUES, Rafael de O. **Nos tempos dos “Charutos Prateados”**: um olhar etnográfico sobre a construção de uma antiga base de atracação de zeppelins como um lugar de referência do Recife. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2011.

_____ Memória e Representações: **O bairro do Jiquiá (Recife/PE) nos tempos dos Zeppelins**. Trabalho de conclusão de curso. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, 2009.

ROTMAN, Mônica B. e CASTELLS, Alicia G. de. Estudos sobre Patrimônio: Intervenção, Gestão e Identidades Locais. **Ilha**. Revista de Antropologia da UFSC. Dossiê Patrimônio.(Florianópolis), v. 8, n. 12, 2006, p. 249-255.